

Escrita acadêmica e a *capacidade de simbolizar*: estratégias de referenciamento, elaboração teórica e organização textual sob o enfoque enunciativo

Academic writing and the *ability to symbolize*: referencing strategies, theoretical formulation and text organization from the enunciative perspective

La escritura académica y la *capacidad de simbolizar*: estrategias de referenciación, elaboración teórica y organización textual desde una perspectiva enunciativa

Patrícia Azevedo Gonçalves

 <https://orcid.org/0000-0002-1442-8185>

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Claudio Primo Delanoy

 <https://orcid.org/0000-0002-8015-5349>

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Resumo

O presente artigo apresenta parte dos resultados de nossa pesquisa de doutoramento que buscou visibilizar as contribuições da linguística benvenistiana para a análise de textos do gênero artigo acadêmico. Delimitou-se, como objetivo geral, com base nos pressupostos da teoria da linguagem de Émile Benveniste (1976, 1989, 2014), a proposição e a aplicação de um dispositivo analítico com categorias e descritores que instrumentalizem uma avaliação enunciativa de textos da esfera acadêmica, de modo focal artigos científicos produzidos por graduandos/graduados. Assim, esta pesquisa se insere em uma perspectiva teórica e aplicada, porque, da síntese do quadro teórico em tela, foi construído um instrumento analítico, do qual exploraremos o eixo conteúdo semantizado: estratégias de referenciamento, procedimentos de elaboração teórica e organização/progressão textual. Este estudo sustenta a tese de que, embora Benveniste não tenha se dedicado diretamente ao estudo da escrita científica, seu posicionamento epistemológico e suas contribuições para a compreensão da linguagem e de como nela o homem se constitui como sujeito possibilitam a formulação de categorias analíticas para a avaliação de textos acadêmicos.

Palavras-chave: Linguagem; Enunciação Escrita; Capacidade de Simbolizar.

Abstract

The present paper presents part of the results from our doctorate research that sought to evidence the contributions of Benvenistian linguistics for the analysis of texts in the academic paper genre. We established, as our general objective, based on the premises of Émile Benveniste's (1976, 1989, 2014) language theory, the proposition and application of an analytical tool with categories and descriptors that enable the enunciative evaluation of academic texts, especially in regard to scientific papers written by undergraduate students/graduates. Thus, this study follows an applied and theoretical perspective, since, based on the synthesis of the theoretical framework aforementioned, we built an analytical tool, of which we shall explore the semanticized content sphere: referencing strategies, theoretical formulation procedures and text progression/organization. This study supports the thesis that, even though Benveniste did not directly dedicate

his work to studying academic writing, his epistemological stance and contributions concerning the comprehension of language and how in it the man constitutes himself as subject enable the formulation of analytical categories to evaluate academic texts.

Keywords: Language; Written Statement; Ability to Symbolize.

Resumen

El presente artículo presenta parte de los resultados de nuestra investigación doctoral, que buscó visibilizar los aportes de la lingüística benvenista para el análisis de textos del género artículo académico. Como objetivo general, con base en los supuestos de la teoría del lenguaje de Émile Benveniste (1976, 1989, 2014), se buscó plantear y aplicar un dispositivo analítico con categorías y descriptores que puedan servir como instrumento para la evaluación enunciativa de textos de la esfera académica, específicamente artículos científicos producidos por alumnos/diplomados. Esta investigación, por lo tanto, se inscribe en una perspectiva teórica y aplicada, porque, de la síntesis de dicho marco teórico, fue construido un instrumento analítico, del cual exploraremos el eje de contenido semantizado: estrategias de referenciación, procedimientos de elaboración teórica y organización/progresión textual. Este estudio sustenta la tesis de que, aunque Benveniste no se haya dedicado directamente a estudiar la escritura científica, su postura epistemológica y sus aportes para la comprensión del lenguaje y de cómo en este el hombre se constituye como sujeto permiten formular categorías analíticas para evaluar textos académicos.

Palabras clave: Lenguaje; Enunciación Escrita; Capacidad de Simbolizar.

Palavras iniciais: Benveniste e a escrita acadêmica

A escrita configura-se como um sistema complexo, que envolve uma série de condições específicas e inéditas de enunciação. Considerar o texto escrito é “operar com especificidades que não só singularizam esse tipo particular de enunciação como também a complexificam” (Nunes; Teixeira, 2012, p. 246). A enunciação escrita apresenta, portanto, estatuto particular em meio aos fenômenos enunciativos, pois adiciona outros níveis de interpretação, ou melhor, a enunciação escrita, na verdade, é espectro de várias enunciações, é um engendrado de várias intersubjetividades (Flores, 2018).

Assim, compreendendo que a linguística enunciativa, em seu aspecto operacional (Ono, 2007), abre possibilidades a estudos que podem contribuir para o aprimoramento de práticas de escrita no ensino superior, o estudo aqui apresentado se propôs a elaborar um dispositivo analítico para textos acadêmicos do gênero artigo científico, cujas categorias e descriptores se ancoram na teoria da linguagem de Émile Benveniste.

Nossa pesquisa, julgamos, se insere em uma perspectiva teórica e aplicada, pois busca refletir sobre em que medida determinadas noções apresentadas pelo autor são explanatória e metodologicamente aplicáveis à descrição e à avaliação de gêneros acadêmicos. Tendo o artigo científico como discurso do qual se parte para pensar a enunciação escrita, visamos analisar qualitativamente um *corpus* de textos desse gênero a

partir do eixo analítico *conteúdo semantizado*, que propomos dividir em três categorias: *estratégias de referênciação*, procedimentos de *elaboração teórica* e *unidade/progressão temática*.

Apresentamos, então, a estrutura de nosso artigo: após esta introdução, em nosso referencial teórico, registramos nossa síntese das formulações propostas por Benveniste (1976, 1989, 2014) em textos publicados nas obras *Problemas de Linguística Geral I e II* e *Últimas aulas do Collège de France (1968 a 1969)* que contribuem para a reflexão sobre as particularidades da enunciação escrita. A seção posterior estabelece os aspectos metodológicos que sustentaram esta investigação: quais foram nossos objetivos e como se deu a coleta e a análise dos dados. Em seguida, apresentamos nossa contribuição: uma proposta enunciativa de instrumento analítico para o gênero artigo científico e sua aplicação em um conjunto de textos publicados por graduandos/graduados em uma revista acadêmica brasileira. Após sua discussão, tecemos nossas considerações finais e registramos as referências que compuseram nosso estudo.

1. Pressupostos: a enunciação escrita e a capacidade de simbolizar

Em *Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística*, Benveniste (1976 [1963b], p. 26) estabelece uma relação fundamental entre a cognição humana e a linguagem: “não poderia existir pensamento sem linguagem [...], o conhecimento do mundo é determinado pela expressão que ele recebe. A linguagem *re-produz* o mundo, mas submetendo-o à sua própria organização”.

Do mesmo modo, podemos refletir acerca da escrita científica como exercício pleno da capacidade de, pela e na linguagem, compreendermos e categorizarmos cenários, conceitos, fenômenos:

A transformação simbólica dos elementos da realidade ou da experiência em *conceitos* é o processo pelo qual se cumpre o poder racionalizante do espírito. O pensamento não é um simples reflexo do mundo; classifica a realidade e, nessa função organizadora, está tão estreitamente associado à linguagem que podemos ser tentados a identificar pensamento e linguagem sob esse aspecto (Benveniste, 1976 [1963b], p. 29-30, grifo do autor).

Ao abordar a linguagem enquanto “a mais alta forma de uma faculdade que é inerente à condição humana, a faculdade de *simbolizar*” (Benveniste, 1976 [1963b], p. 28), o autor situa a linguística da enunciação num espaço singular dentre as teorias linguísticas, pois tal

posicionamento teórico e epistemológico nos possibilita a compreensão acerca da subjetividade enquanto *construção* e *marca* linguística, que se realiza e atualiza a cada enunciação.

Aí está o fundamento da abstração ao mesmo tempo que o princípio da **imaginação criadora**. Ora, essa capacidade representativa de essência simbólica que está na base das funções conceptuais só aparece no homem (Benveniste, 1976 [1963b], p. 28, grifo nosso).

A língua, por sua vez, é o resultado de um processo de simbolização em muitos níveis. Logo,

[...] o “dado” linguístico não é, sob esse aspecto, um dado primeiro, do qual bastaria dissociar as partes constitutivas: é, já, um complexo, cujos valores resultam uns das propriedades particulares de cada elemento, outros das condições da sua organização, outros ainda da situação objetiva (Benveniste, 1976 [1954b], p. 13).

No texto *Os níveis de análise linguística*, a língua é apresentada como “sistema orgânico de signos linguísticos” (Benveniste, 1976 [1964], p. 127). Mas qual seria o papel da língua entre os sistemas de signos? Nela, os signos/as palavras atuam como elemento *evocante* de um *referente* (experiência, emoção, realidade concreta). A perspectiva da língua enquanto sistema, recordamos, já fora apresentada pelo autor em texto de 1939, *Natureza do signo linguístico*: “Quem diz sistema diz a organização e adequação das partes numa estrutura que transcende e explica os seus elementos” (Benveniste, 1976 [1939], p. 59).

A língua e a escrita, segundo Benveniste, significam da mesma maneira; contudo, apresentam forma e modos de realização distintos, como apontam Rodrigues, Agustini e Araújo (2020, p. 83, grifo nosso):

Embora, em termos de significância, a língua predetermine a escrita, língua e escrita constituem sistemas semiológicos distintos e independentes, a ponto de termos refutada a interpretação de que a escrita seria tão-somente uma representação da fala. [...] trata-se, portanto, de outra forma de converter o discurso em forma linguística [...], de **enunciar na e pela escrita**.

Pelo conteúdo semantizado, por meio de estratégias de elaboração, categorização e referenciamento, vislumbra-se que a escrita realiza e revela sua capacidade de *produção* e de *engendramento* (Benveniste, 2014 [1968-1969]):

[...] a captura do pensamento só se dá pela passagem pelas palavras, pela sua enunciação em enunciado. No domínio do escrito, a escrita, no seu fazer, inscreve o pensamento que não preexiste a essa inscrição, mas que justamente articula a escrita a fim de se tornar legível e transmissível (Fenoglio, 2019, p. 176).

Ao caracterizar a enunciação escrita, é preciso retomar, igualmente, a distinção feita por Benveniste entre as duas primeiras pessoas (*eu* e *tu*) da terceira (*ele*) a partir de duas correlações: a de *pessoalidade* e a de *subjetividade*. A diferença entre a “pessoa” e a “não pessoa” reside no tipo de referência que estabelecem no ato enunciativo. O par *eu-tu* é definido na própria instância de discurso, isto é, refere a realidades distintas cada vez que um enunciado se materializa. Já o *ele* tem por função combinar-se com a referência objetiva de forma independente da instância enunciativa que a contém; localiza-se no nível sintático, e não no pragmático. Logo, temos o *eu* (pessoa subjetiva), o *tu* (pessoa não subjetiva) e o *ele* (não pessoa). O sujeito enunciador, nessa proposta, é produto de um jogo de interação dado pelo uso das formas linguísticas que possibilitam a *passagem de locutor a sujeito* num processo de apropriação da língua (Flores; Teixeira, 2017).

Em obra de 2013, Flores é categórico ao afirmar que o sujeito, nesse quadro teórico, não é nem um locutor, nem o próprio homem, “mas uma *instância* que decorre da apropriação feita pelo locutor. Logo, o sujeito é *um efeito da apropriação*. Essa decorrência se marca linguisticamente através da categoria de *pessoa*” (Flores, 2013, p. 101, grifos do autor).

Tal ressalva aplica-se também a toda reflexão sobre autoria na escrita: o objetivo não é estudar ou buscar vislumbrar, descobrir quem é o sujeito-autor “por trás” do texto, mas evidenciar as marcas linguísticas, enunciativas, discutir em que medida se constituem enquanto *índices de autoria*. Isto é, ao leremos um texto, que autor se constrói diante de nossos olhos, em nossa mente? Com quem dialogamos no momento da leitura de um texto escrito? Que homem emerge daquela enunciação, daqueles elementos estruturais articulados?

[...] se de um lado Benveniste mantém-se fiel ao pensamento de Saussure – na justa medida em que conserva concepções caras ao saussurianismo, tais como estrutura, relação, signo –, por outro apresenta meios de tratar da enunciação ou, como ele mesmo diria, do *homem na língua*. Esta é a inovação de seu pensamento: supor sujeito e estrutura articulados (Flores; Teixeira, 2017, p. 30, grifo dos autores).

No interior dessa teoria, interessa, portanto, a constituição do eu-autor em vista do tu-leitor presumido, no *uso* da língua, que é sempre instaurador de novos sentidos; interessa evidenciar as relações da língua, não apenas como sistema combinatório, mas como linguagem assumida por um sujeito: “As marcas de enunciação no enunciado têm a

especificidade de remeter à instância em que tais enunciados são produzidos, fazendo **irromper o sujeito da enunciação**” (Flores; Teixeira, 2017, p. 12, grifo nosso).

No texto *O aparelho formal da enunciação*, Benveniste ([1970] 1989, p. 90, grifo nosso) aponta para a especificidade da escrita:

Seria preciso também distinguir a enunciação falada da enunciação escrita. **Esta se situa em dois planos: o que escreve se enuncia ao escrever e, no interior de sua escrita, ele faz os indivíduos se enunciarem.** Amplas perspectivas se abrem para a análise das formas complexas do discurso, a partir do quadro formal esboçado aqui.

A enunciação escrita, para Nunes e Flores (2012, p. 238), estabelece dois planos enunciativos, o plano daquele que enuncia e o plano dos indivíduos que têm lugar de enunciação garantido graças a essa enunciação; ou seja, “a enunciação escrita tem como uma de suas particularidades ser uma forma complexa do discurso por instaurar uma dupla cena enunciativa, isto é, dois planos de enunciação”: o plano daquele que enuncia; o plano dos indivíduos que têm lugar de enunciação garantido graças a essa enunciação.

Logo, discutir a questão da escrita, com vistas à compreensão da constituição da autoria de um sujeito enunciador, envolve discutir também a leitura, a recepção da enunciação feita por um eu-escritor que se constitui por um tu-leitor presumido:

[...] a leitura é também um fenômeno enunciativo. Reconhecer isso implica levar em conta a assimetria típica da cena enunciativa: a pessoa que interpreta um enunciado reconstrói seu sentido a partir de indicações nele presentes, mas nada garante que o que ela reconstrói coincida com as representações do enunciador (Flores; Teixeira, 2017, p. 8).

Vê-se, portanto, que tal assimetria relaciona-se não somente aos índices implícitos e explícitos de inscrição do sujeito autor, mas coloca em jogo, em disputa, a organização e a interpretação do conteúdo semantizado (acontecimentos evocados): a leitura, por si só, é uma enunciação, um espaço-tempo único em que sentidos novos são atribuídos a dada materialidade linguística.

De acordo com Sobral (2008, p. 12), é imprescindível considerar a concretude e a materialidade, singularidades da língua escrita:

A escrita presentifica a forma que o signo assume a cada instante na língua. Unindo concretude e materialidade, a escrita fixa através do traço gráfico – letra – os signos. Essa distinção nos permite pensar a letra como um elemento a mais, próprio da escrita. Elemento que marca uma diferença entre a língua falada e a língua escrita. Elemento responsável pela materialidade da escrita.

Outra particularidade destacada por Benveniste (2014 [1969], Aula 12, p. 156) diz respeito à relação do processo de escrita com a linguagem interior, pois “a ‘escrita’ é primeiramente concebida como globalidade, ela enuncia sinteticamente uma sucessão de ideias, ela conta uma história inteira”.

Sob outro aspecto, para Benveniste (2014 [1969], Aula 8, p. 128), a escrita é um sistema que “supõe uma abstração de alto grau: abstrai-se do aspecto sonoro – fônico – da linguagem, com toda sua gama de entonação, de expressão, de modulação”. De acordo com Endruweit e Fávero Netto (2020, p. 321), *grosso modo*, as abstrações constitutivas do ato enunciativo da escrita são de quatro ordens: (i) a ausência da situação de diálogo concreto com um interlocutor presente, o que coloca ao locutor a necessidade clara de falar para um leitor presumido; (ii) a desvinculação do contexto imediato de enunciação, que faz com que a escrita abale as configurações de pessoa, tempo e espaço; (iii) o distanciamento da realidade do dia a dia, motor da fala, na medida em que se fala quando se tem necessidade ou vontade de fazê-lo e sempre se dirigindo a alguém; (iv) o processo de aquisição da escrita, que procede de uma linguagem interior.

Segundo Ono (2007), a força e a direção daquilo que é enunciado no texto-discurso têm implicações estruturais e enunciativas. Como bem elencado por Fenoglio (2019, p. 90), “Escrever [...] para expor oralmente a seus pares (comunicação), escrever para especialistas (artigo), [...] escrever para relatar, escrever para coletar dados, escrever para preparar um projeto” supõem um agenciamento singular do aparato formal de uma língua. Em nosso estudo, de modo particular, queremos nos debruçar sobre a enunciação escrita na esfera de produção de textos científicos, os quais se caracterizam por “um dizer cujo conteúdo deve poder ser recebido e transmitido – e não uma narração a ser *lida*” (Fenoglio, 2019, p. 198, grifo da autora).

Portanto, em consonância com o que propõe Knack (2012, p. 159, grifos da autora) em sua pesquisa de mestrado, concebemos a escrita como um *ato* enunciativo e o texto escrito como *resultado* desse ato:

[...] podemos definir o *texto escrito* como o resultado de um processo de produção intersubjetiva entre locutores situados em tempo e espaço distintos, condensando o ato de enunciação e o produto deste, cuja materialidade, de extensão não delimitada, apresenta por escrito as marcas que permitem ao alocutário reconstituir os sentidos atualizados em formas pelo locutor.

Logo, uma instância de discurso é dada: há um eu-autor que se dirige a um tu-leitor presumido e mobiliza enunciados alheios. Isso se dá num espaço-tempo do texto, em que

restrições específicas de determinados gêneros e a temporalidade em que se materializa tal enunciação são constitutivas do texto como produto enunciativo.

2. Aspectos metodológicos: nosso ponto de vista sobre o objeto

2.1. Caracterização da pesquisa

Esta pesquisa se insere em uma perspectiva teórica e aplicada, pois busca refletir sobre em que medida determinadas noções apresentadas por Benveniste (1976, 1989, 2014) são explanatória e metodologicamente aplicáveis à descrição e à avaliação de gêneros acadêmicos. Tendo o artigo científico como discurso do qual se parte para pensar a enunciação escrita, objetiva empreender uma análise qualitativa desses textos a partir do eixo analítico *conteúdo semantizado*, que propomos dividir em três categorias: *estratégias de referenciamento*, procedimentos de *elaboração teórica* e *unidade/progressão temática*.

Na concepção inicial e realização da pesquisa de doutorado que reproduzimos parcialmente aqui²², as seguintes questões nos impulsionaram: (i) quais conceitos da obra de Benveniste podem contribuir para a análise de textos acadêmicos? (ii) em que medida determinadas noções apresentadas pelo autor são explanatória e metodologicamente aplicáveis à descrição e à avaliação de gêneros acadêmicos? (iii) é possível pensar em um instrumento de avaliação de textos que seja enunciativo? Diante dessas indagações, fixamos o seguinte objetivo geral: propor um dispositivo analítico com categorias e descritores que instrumentalizem a avaliação enunciativa de textos da esfera acadêmica, de modo focal artigos científicos produzidos por graduandos/graduados, a partir dos pressupostos da teoria da linguagem de Émile Benveniste (1976, 1989, 2014). Para tanto, estabelecemos os seguintes objetivos específicos: (i) elencar os principais conceitos e noções da teoria da linguagem de Benveniste (1976, 1989, 2014) que podem ser relacionados à escrita acadêmica e à sua avaliação, a fim de propor um conjunto de categorias analíticas; (ii) propor, a partir destas, um instrumento analítico (categorias e descritores) para artigos acadêmicos que vise à operacionalização de uma avaliação enunciativa; (iii) aplicar o

²² Este artigo é resultado da pesquisa de doutorado em Linguística desenvolvida no período de 2020-2024 na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), com aporte do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), com trechos previamente publicados na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações PUCRS.

instrumento por meio da análise de artigos de graduandos/graduados publicados em uma revista acadêmica brasileira.

Nosso instrumento analítico foi aplicado em textos acadêmicos em língua portuguesa – português brasileiro (PB) do gênero artigo acadêmico de estudantes de graduação ou apenas graduados da área de Letras, publicados na *Revista Gatilho*²³, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), da qual foram selecionados três textos representativos da diversidade do curso de Letras, a saber, das áreas educação, linguística e literatura. Foram selecionados os seguintes artigos: (1) *Letramentos (des)legitimados e práticas de reexistência no ENEM: uma análise dialógica de questões com textos literários*, estudo que tematiza a prova de Linguagens do ENEM e seu efeito retroativo para o Ensino Médio; (2) *Análise lexicográfica na FrameNet Brasil*, que apresenta um relato de pesquisa no âmbito da Linguística Formal; (3) *A questão da memória n'A idade do Serrote*, síntese de uma obra autobiográfica, que discute questões como escrita literária e memória.

2.2. Categorias analíticas

Do amplo *corpus* listado no referencial teórico que sustentou nossa visão acerca da teoria da linguagem e da enunciação proposta por Benveniste, seis de seus textos foram fundamentais para pensarmos a análise de artigos acadêmicos, subsidiando as categorias que aqui propomos: *Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística* (1976 [1963b]), *Os níveis de análise linguística* (1976 [1964]), *A linguagem e a experiência humana* (1989 [1965]), *A forma e o sentido na linguagem* (1989 [1966-1967]), *Semiologia da língua* (1989 [1969b]) e *O aparelho formal da enunciação* (1989 [1970]). Igualmente, nos ancoramos em propostas teóricas, como Ono (2007), Fenoglio (2019), Flores (2013, 2018), Flores e Teireixa (2017), Nunes e Flores (2012), e analíticas produzidas por pesquisadores da área, como Aresi (2011), Knack (2012), Knack e Oliveira (2017).

Por fim, destacamos que não colocamos as categorias aqui descritas como um conjunto de critérios fechados, proposições estanques, mas sim como uma proposta para realização de uma análise enunciativa, em que as noções teóricas são o ponto de partida e as categorias pré-estabelecidas são pontos de ancoragem. Buscamos sustentar um olhar integrativo e, sabemos, subjetivo, sem nos fecharmos à dimensão criativa e simbólica

²³ Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/gatilho/issue/archive>. Acesso em: 1 dez. 2023.

advinda dos múltiplos agenciamentos possíveis aos sujeitos autores dos textos que analisamos, nem à unicidade inerente ao ato enunciativo que é ler e analisar, pois compreendemos a análise como “um ‘comentário’ sobre a enunciação, isto é, como uma interpretação do enunciado, enfim, como um enunciação sobre outra enunciação” (Aresi, 2011, p. 274).

Ao conceber o eixo que compreende o *conteúdo semantizado* (Quadro 1), parte-se do pressuposto de que “enunciar algo é propor uma realidade”, “um certo estado de coisas”, “uma nova situação”, “uma experiência a ser compartilhada”; pois “Locutor, realidade e verdade são interdependentes” (Fenoglio, 2019, p. 77-78). Assim, ele se subdivide em três dimensões: (1) as *estratégias de referência*²⁴, em que se destacam os mecanismos pelos quais são evocados os elementos objetivos, “signos que remetem a uma ‘realidade objetiva’” (Aresi, 2011, p. 265); (2) os *procedimentos de elaboração teórica*, os quais são tidos aqui como ato cognitivo enunciativo, “pensamento que se enuncia em palavras” (Fenoglio, 2019, p. 77), entendendo a enunciação escrita como “o espaço-tempo da invenção do pensamento” (Fenoglio, 2019, p. 151); (3) a *unidade/progressão temática*, na qual serão consideradas as escolhas quanto à organização dos tópicos mobilizados para dar conta da temática eleita pelo enunciador.

Além de estudos sobre enunciação escrita e avaliação de textos, subsidiaram a concepção deste eixo os textos *Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística* (1976 [1963b]), *A linguagem e a experiência humana* (1989 [1965]) e as reflexões de Fenoglio (2019) acerca da enunciação escrita no âmbito científico.

Quadro 1 – Eixo Conteúdo Semantizado

CONTEÚDO SEMANTIZADO

- 1 Estratégias de referência**
- 2 Elaboração teórica**
- 3 Unidade/progressão temática**

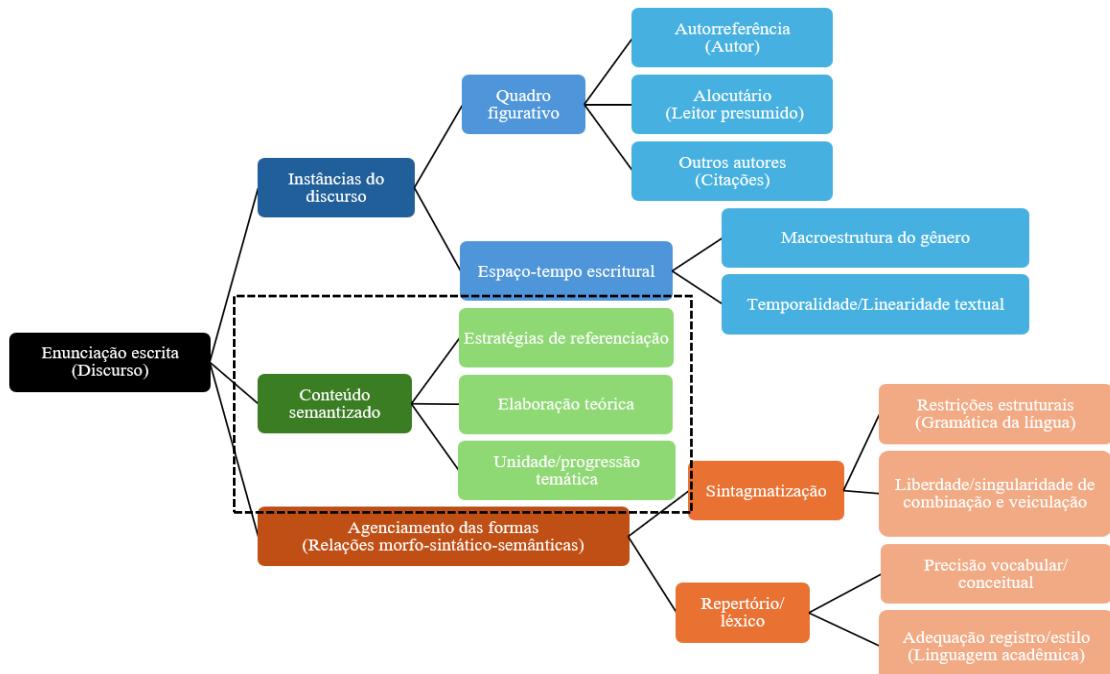
Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Apresentamos, a seguir, o mapa conceitual em que buscamos esboçar as relações teóricas que estabelecemos tanto para estruturar nossa proposta de instrumento analítico, quanto para justificar a organização que seguimos ao construir nosso referencial teórico.

²⁴ Convém registrar que a referência perpassa a enunciação como um todo. Entretanto, quando a focalizamos aqui, objetivamos discutir estratégias como o encapsulamento anafórico, no qual se vislumbram escolhas que evidenciam diferentes modos de estabelecer a correferencialidade e graus de (re)categorização.

Para os fins deste artigo, serão explorados os campos em verde, os quais se relacionam, dentro de nossa proposta, ao eixo que denominamos *conteúdo semantizado*.

Figura 1 – Mapa Conceitual do Instrumento Avaliativo



Fonte: Elaborada pelos autores (2024).

Enfatizamos que tal configuração é proposta para fins didáticos e metodológicos. Na concepção de Benveniste (1976 [1964], p. 135): “Forma e sentido devem definir-se um pelo outro e devem articular-se juntos em toda a extensão da língua. As suas relações parecem-nos implicadas na própria estrutura dos níveis e das funções a que elas correspondem”. Portanto, ao segmentar determinados aspectos que se encontram imbricados no ato enunciativo, intenciona-se “objetificar” algo que, dada a subjetividade de cada avaliador, pode tornar o processo avaliativo pouco claro para o autor que recebe a devolutiva de seu texto, sem, contudo, desconsiderarmos a complexidade constitutiva da enunciação escrita e a totalidade da visão benvenistiana sobre a linguagem: “É o todo da instância de discurso que está em jogo: o ato, com referência aos interlocutores e à situação em que ele ocorreu, bem como os caracteres formais do enunciado e seu agenciamento, sua sintagmatização” (Aresi, 2011, p. 274).

Segundo Knack e Oliveira (2017, p. 712), “a avaliação de textos acadêmicos escritos [...] produz uma enunciação de retorno a uma outra enunciação para promover a ressignificação dos modos de enunciação do alocutário”. Assim, colocamo-nos,

criticamente, no lugar de locutores-avaliadores que visam tornar essa outra enunciação, ou nosso comentário sobre o enunciado alheio, um instrumento com aspectos generalizáveis, que contribuam para a escrita e a análise de textos desse gênero acadêmico.

Lançados os pressupostos dos quais partimos, realizaremos a discursivização das categorias que irão compor nosso instrumento analítico (Quadro 2). Nosso objetivo, agora, é organizar os pressupostos teóricos em categorias analíticas e versá-los em perguntas que operacionalizem o olhar enunciativo do leitor/analista em relação às enunciação escritas em foco.

Quadro 2 – Instrumento Analítico para Artigos Acadêmicos: Eixo 2 – Conteúdo Semantizado

CATEGORIAS	DESCRITORES
EIXO – CONTEÚDO SEMANTIZADO	
Categoria 1 Estratégias de referênciação	De que modo os conteúdos selecionados para compor a unidade temática do artigo são apresentados e retomados? Utilizam-se diferentes expressões para categorizar realidades e fenômenos?
Categoria 2 Elaboração teórica	Além de apresentar uma síntese de conceitos, teorias, o texto evidencia reflexão e elaboração sobre as noções teóricas apresentadas?
Categoria 3 Unidade/progressão temática	As decisões tomadas, a fim de estruturar o texto, demonstram uma preocupação com a clareza e evidenciam que há um fio condutor do pensamento exposto?

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Escolhemos estruturar os descritores em forma de interrogação direta aberta, pois compreendemos que, desse modo, o instrumento se aproxima de uma relação de interlocução, que nos coloca numa posição metodológica e epistemológica de curiosidade perante os textos, a fim de investigar as escolhas feitas para sua construção enquanto ato enunciativo que resulta em um produto, o qual possibilita, por sua vez, a construção de sentidos pelo interlocutor almejado.

3. Análise: conteúdo semantizado, procedimentos e estratégias

3.1. Artigo 1

O estudo que deu origem ao artigo primeiramente analisado, intitulado *Letramentos (des)legitimados e práticas de reexistência no ENEM: uma análise dialógica de questões com textos literários*, de Maxwell Souza dos Santos (2023), é uma pesquisa qualitativa, de caráter documental, que busca analisar, de modo exploratório, questões de Literatura que

mobilizam temáticas de cunho social presentes em provas de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). O artigo foi estruturado da seguinte forma: 1. Introdução; 2. Perspectivas sobre a escola, o ENEM e a exclusão no sistema educacional; 3. Do letramento literário aos letramentos literários de reexistência; 3.1. Os letramentos literários; 3.2. Reexistência ou Morte!; 3.3. Letramento literário de reexistência; 4. Procedimentos metodológicos; 4.1. Princípios que norteiam a metodologia; 4.2. O tipo de pesquisa proposta; 4.3. Procedimentos e recortes; 5. Análise do *corpus*; 6. Considerações finais; Referências.

No eixo *conteúdo semantizado*, iniciamos nossa análise pela categoria *estratégias de referenciamento*. Nela, buscamos considerar de que modo os conteúdos selecionados para compor a unidade temática do artigo são apresentados e retomados, por meio de se diferentes expressões, a fim de categorizar realidades, fenômenos, teorias.

Destacamos que o artigo de Souza (2023) mobiliza inúmeras estratégias de retomada de aspectos abordados, a fim tanto de marcar uma posição frente aos argumentos expostos pelos outros autores com os quais tece sua interlocução, quanto de construir uma progressão textual na qual os conteúdos tematizados tenham uma síntese. O agenciamento dessas formas referenciais se dá em dois escopos: retomada de elementos do período ou do parágrafo imediatamente anterior e encapsulamentos anafóricos²⁵ mobilizados para dar um fechamento a questões que perpassam uma seção do artigo. Vejamos alguns exemplos:

(a) Os resultados sugerem uma aproximação das questões analisadas, em alguns momentos, do que se defende como prática de letramentos literários e letramentos literários de reexistência. No entanto, em outros momentos, há um distanciamento **dessas acepções**.

(b) **H15** – Estabelecer relações entre o texto literário e o momento de sua produção, situando aspectos do contexto histórico, social e político.

H16 – Relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário.

H17 – Reconhecer a presença de valores sociais e humanos atualizáveis e permanentes no patrimônio literário nacional (INEP, 2005, p. 3).

Tais habilidades parecem enfatizar [...].

(c) [...] o texto busca transportar o leitor situado para outra realidade, de maneira que ele possa construir sentidos, questionar seus preconceitos, rever ou afirmar suas ideologias, repensar suas crenças e, se possível, construir novas perspectivas. **Esse movimento** representa uma prática de letramento literário [...].

²⁵ Tendo em vista que, nos escritos benvenistianos, não há a discussão de determinados aspectos textuais, nos permitimos uma digressão teórica e nos utilizamos do conceito de encapsulamento anafórico, da Linguística Textual, conceituado por Conte (2003, p. 178) como “recurso coesivo pelo qual um sintagma nominal funciona como uma paráfrase resumidora para uma porção precedente de texto”.

Nos trechos destacados, vemos o autor realizar processos de retomada por meio de dêixis anafóricas aliadas a substantivos que retomam um nome já enunciado (H15, H16, H17 = *habilidades*) ou que (re)nomeiam elementos anteriormente mencionados (letramentos > essas acepções; transportar > esse movimento). Interpretamos essas estratégias como materialização do axioma de Benveniste (1976 [1963b], p. 26, grifo nosso) de que “A linguagem **reproduz a realidade**”, posto que, por meio do agenciamento singular dos recursos formais da língua, o sujeito enunciador reorganiza fatos, ideias, realidades a partir de sua experiência e os compartilha com seu interlocutor.

Passemos, agora, à categoria *elaboração teórica*. Por meio dela, conseguimos avaliar se o autor, além de sintetizar conceitos, teorias, posicionamentos, evidencia, em sua enunciação escrita, momentos de reflexão e elaboração.

- (d) Esse modelo se dá pelo fato de o ENEM buscar se distanciar do excesso conteudista que outras provas de vestibular costumam apresentar, **encaminhando-se** para uma concepção **mais** piagetiana e construtivista [...].
- (e) [...] há os letramentos literários que, **em consonância com a ideia** apresentada em Paulino e Grijó, abarcam [...]. Essa reflexão **dialoga** com os apontamentos de Magda Soares [...].
- (f) Ademais, Amorim e Silva **apropriam-se desse conceito** para pensar [...]. Esses autores **ampliam**, nesse contexto, **a ideia** de [...].
- (g) É **apenas** em Paulino e Cossen que o conceito de letramento literário passa a ser **melhor** desenvolvido [...].

No trecho reproduzido em (d), o autor mobiliza o verbo “encaminhar” e o intensificador “mais” para introduzir sua categorização em relação ao conteúdo em análise: a prova do ENEM. Em (e), ele emprega a expressão “em consonância” e o verbo “dialogar” para tecer uma interlocução entre os autores citados, dando uma ideia de unidade, conformidade entre seus posicionamentos. No exemplo (f), temos uma recategorização: o autor não apenas descreve a utilização de um conceito pelos autores, mas também expressa seu julgamento de que eles se “apropriaram” do construto teórico para o “ampliar”. Por fim, no excerto (g), temos um emprego valorativo dos advérbios “apenas” e “melhor”, que carregam uma marca autoral avaliativa (o conceito foi “melhor desenvolvido”), e também situam a produção teórica dos autores no tempo das ideias linguísticas, ao afirmar que “É apenas em Paulino e Cossen” que esse aprimoramento conceitual se dá.

Na categoria *unidade/progressão temática*, buscamos investigar as estratégias enunciativas que levam à clareza e à busca pela organização textual.

(h) [...] é preciso dialogar com a estrutura política, social e econômica, fazendo com que seja importante discutir literatura, considerando sua relação com o ensino e, por conseguinte, com a própria sistematização sociocultural da instituição escolar.

Sob esse viés, é de interesse apontar os atravessamentos que perpassam os exames de ascensão para o nível superior de ensino brasileiro, em específico, o ENEM.

(i) **Refletir sobre o ENEM** implica pensar em questões diversas [...].

Nos exemplos (h) e (i), vemos processos de retomada amplos, pelos quais o autor resgata discussões que vêm sendo construídas parágrafo a parágrafo para apresentar sua síntese. Em (h), ele utiliza a expressão “sob esse viés” para retomar o argumento anterior e apresentar sua justificativa quanto à escolha de seu recorte de pesquisa; já em (i), mobiliza o sintagma nominal “Refletir sobre o ENEM”, em um parágrafo logo após um título, para iniciar uma nova seção, guiando o leitor pelo fio condutor que perpassa todo o texto: “o locutor estabelece ‘certa’ relação com o mundo via discurso, produz referência (sentido global do discurso) e permite ao outro dar continuidade a esse discurso via correferência” (Costa Silva, 2020, p. 12).

Cabe, ainda, sinalizar que, nesta categoria, que visa analisar um aspecto textual organizacional amplo, temos também aspectos referenciais em jogo, o que não poderia ser diferente, pois o mecanismo da referência é constitutivo de todo processo de enunciação (Oliveira, 2022). Entretanto, como nosso instrumento de análise prima por um viés funcional, aplicado, no qual se intenta aproximar mecanismos avaliativos às contribuições da linguística benvenistiana, por vezes, corre-se o risco de realizar uma *assemblage*, uma sobreposição ou uma divisão de elementos que não estão assim dispostos no interior da teoria.

3.2. Artigo 2

O artigo que analisaremos nesta seção, *Análise lexicográfica na FrameNet Brasil*, de autoria da graduanda Michele Monteiro de Souza (2010), configura-se como um relato de pesquisa e se organiza da seguinte forma: Introdução; 1. Projeto FrameNet Brasil; 2. O Processo de Anotação; 2.1. O *corpus* do Projeto FrameNet Brasil; 3. O *frame* de “PLACING”; 3.1. Unidades Lexicais que evocam o *frame* de “PLACING”; 3.1.1. UL colocar; 3.1.2. UL guardar; 3.1.3. UL ensacar; 3.1.4. UL esconder; Considerações Finais; Referências Bibliográficas.

Avancemos para a categoria *estratégias de referenciação*, integrante do eixo *conteúdo semantizado*. Os conteúdos selecionados para compor a unidade temática do artigo são apresentados e retomados, utilizando-se principalmente o mecanismo de referenciação anafórica:

- (a) “O projeto baseia-se na Semântica de *Frames* [...]. **Exemplifico essa perspectiva cognitiva**”.
- (b) “selecionamos Unidades Lexicais (doravante UL’s) e desenvolvemos um processo de análise lexicográfica, **esse procedimento** segue”
- (c) “As averiguações partem da escolha de unidades lexicais [...], **as quais** são buscadas em *corpora*”.
- (d) “processamos os dados no *software ‘R’*, **o qual** separa todas as ocorrências de sentido físico”.

Como podemos observar nos exemplos acima, a autora retoma sintagmas anteriores por meio de pronomes demonstrativos e relativos, a fim de explicar/ampliar a compreensão acerca de algum conceito ou fenômeno apresentado, por vezes, categorizando-os (“essa perspectiva”, “esse procedimento”). Desse modo, o conteúdo temático não vai sendo apenas justaposto: as unidades sintáticas e lexicais são organizadas em um engendramento que contribui para a leitura e a compreensão do exposto.

Quanto à *elaboração teórica*, sinalizamos que todo o artigo evidencia, por parte da autora, domínio dos conceitos mobilizados, reflexão e elaboração sobre o lido e o exposto, coerência com o quadro teórico no qual sua pesquisa se insere e capacidade de aplicação deste aos exemplos apresentados. Vejamos algumas das estratégias mobilizadas:

- (e) “baseado na semântica de frames e sustentado por evidência colhida em corpus, **além disso**, as unidades lexicais devem ser coerentes em relação ao frame que evocam e perfilam”.
- (f) “A análise lexicográfica, dentro deste quadro teórico-analítico, **consiste em** levantar possibilidades”.
- (g) “¹Temos no exemplo (ii) um caso com Agente IND (Instanciação Nula Definida), **o que ocorre quando o EF não se realiza na sentença, porém é inferível no contexto”.**
- (h) “**Outra característica desses exemplos** é a presença de mais uma camada de anotação, que surge da necessidade de representar verbos auxiliares, suporte ou cópula”.

No trecho (e), temos um exemplo de informação adicional sendo introduzida pela locução adverbial “além disso”. Esse procedimento é utilizado também em outro momento do texto, com a expressão “ou seja”. No exemplo (f), vemos o procedimento de conceituação, em que a autora esclarece ao leitor o que é a análise lexicográfica. No exemplo (g), buscamos

reproduzir uma nota de rodapé, na qual a autora apresenta uma explicação terminológica. Tal procedimento evidencia o princípio enunciativo de que sempre há a presença implícita de um *tu* que contribui tanto para a formação do sujeito enunciador quanto para a enunciação em si, pois é esse interlocutor que é o propósito do ato enunciativo, principalmente em se tratando de enunciações escritas da esfera científica/acadêmica, que objetivam compartilhar conhecimentos e achados. Por fim, em (h), podemos observar que a autora não somente reproduz ou registra conceitos, mas busca refletir e aplicar a teoria apresentada, categorizando seus dados de pesquisa por meio das noções já mobilizadas.

Quanto à categoria *unidade/progressão temática*, reiteramos que o texto evidencia estratégias de organização e antecipação, de modo a clarificar o que vai sendo apresentado, tanto por meio de recursos gráficos e organizacionais (tabelas, notas de rodapé), quanto pelo emprego de estruturas linguísticas explicativas e elucidativas, que contribuíram para que o texto fosse teórica e metodologicamente coerente em toda a sua extensão. Isso nos remete à reflexão proposta por Costa Silva e Endruweit (2011, p. 257) de que se pode acompanhar a história de cada escrita materializada nas diferentes versões de um texto, tomando-se este como “possibilidade de descortinar a negociação do sujeito com o interlocutor e com a língua”.

3.3. Artigo 3

O último artigo que constitui nossa análise foi publicado no volume 4 da Revista Gatilho no ano de 2006. Com o título *A questão da memória n'A Idade do Serrote*, o texto, produzido por uma graduanda do curso de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Luciana Gomes de Mello Baião, tem por objetivo realizar uma síntese da obra memorialística de Murilo Mendes: *A Idade do Serrote*. Trata-se de um texto curto, de cinco páginas, assemelhando-se estrutural e funcionalmente a uma resenha, embora apresente subdivisões e esteja listado entre os artigos que compõem um dossiê temático da revista sobre memória. Vejamos sua composição: 1. A Idade do Serrote; 2. A memória fragmentada; 3. O duplo olhar de Murilo; 4. A nostalgia do moderno em Murilo; Referências.

Como *estratégias de referenciação*, gostaríamos de destacar três exemplos:

- (a) A morte do primo pode ser traduzida como símbolo da temporalidade apreendida do mundo material. **Temporalidade** que Murilo tenta conter em sua busca intemporal, no jogo de seu olhar, em sua crença na eternidade.

(b) O menino de nove ou dez anos que encontra-se com Analu, não é o mesmo que usa as palavras sublinhadas. Este é o outro e o mesmo; é Murilo adulto. **Este deslocamento da narrativa** denota [...].

(c) O serrote aparece **nesta duplicidade**, neste jogo entre o temporal e cortante do mundo real, e o reino do absoluto mitológico.

Nos trechos acima, vemos procedimentos de retomada e de antecipação. No primeiro caso, em (a), temos a repetição lexical de “temporalidade” não como mera descrição, mas como meio para recategorização: da interpretação do lido pela autora, chega-se à ampliação da compreensão acerca do posicionamento do eu-personagem, numa interlocução complexa, em que a escrita sobre a leitura se constitui não somente como referência, mas também como intersubjetividade.

No exemplo (b), há um caso de encapsulamento: a autora retoma dois fatos narrativos e os articula com suas leituras prévias, categorizando-os como um deslocamento dentro da narrativa em análise. Já em (c), vemos um caso de antecipação, em que ela categoriza a narrativa enquanto jogo de oposições, movimento no qual vemos a função da linguagem enquanto organizadora, uma vez que aprendemos na e pela língua: “pensar é manejar os símbolos da língua” (Benveniste, 1976 [1958a], p. 80).

Quanto à *elaboração teórica*, como já mencionado, a autora não chega a nomeadamente citar autores e teorias, apresentando uma argumentação e uma exposição muito próximas ao que se encontra no gênero ensaio. O único registro de citação teórica é do enunciado no qual ela categoriza o livro analisado como um romance moderno: “na condição postulada por Ortega y Gasset”.

No que diz respeito à unidade/progressão temática, consideramos que o texto poderia ter uma organização mais bem detalhada e um acabamento mais apurado. Não há, por exemplo, uma síntese inicial da obra analisada a fim de situar o leitor na exposição que se segue. No interior dos parágrafos, há coerência e clareza quanto aos fatos e às ideias expostas; entretanto, a ausência de uma relação mais explícita entre as seções do artigo torna o manuscrito, em certa medida, fragmentado. Somos levados diretamente aos pontos que a autora julgou importante enfatizar. Percebe-se, com isso, que seu interlocutor presumido é alguém que já realizou a leitura da obra.

4. Discussão: um instrumento para avaliação enunciativa

O eixo conteúdo semantizado, como já sinalizamos, é uma tentativa de discretizar em categorias as proposições feitas por Benveniste principalmente em *Vista d’olhos sobre o*

desenvolvimento da linguística (1976 [1963b]) e *A linguagem e a experiência humana* (1989 [1965]). Assim, buscamos observar os procedimentos pelos quais os autores dos artigos constroem sua enunciação escrita enquanto produção de conhecimento – “concebe-se a escrita como possibilidade de acesso ou de construção de dados e de teorias” (Riolfi; Barrotto, 2011, p. 10), a partir de três categorias: 1. Estratégias de referênciação; 2. Elaboração teórica; 3. Unidade/progressão temática.

Na categoria 1, estratégias de referênciação, buscamos responder às seguintes perguntas: “*De que modo os conteúdos selecionados para compor a unidade temática do artigo são apresentados e retomados?*”; “*Utilizam-se diferentes expressões para categorizar realidades e fenômenos?*”.

Quadro 3 – Conteúdo Semantizado: Estratégias de Referênciação

Artigo 1	<i>O artigo mobiliza estratégias de retomada de elementos do período ou do parágrafo imediatamente anterior e encapsulamentos mobilizados para fechamento a argumentos.</i>
Artigo 2	<i>No artigo, há trechos em que se retoma sintagmas anteriores por meio de pronomes demonstrativos e relativos, a fim de explicar/ampliar a compreensão acerca de algum conceito ou fenômeno apresentado, categorizando-os. As unidades sintáticas e lexicais são bem engendradas.</i>
Artigo 3	<i>O artigo mobiliza estratégias de retomada e antecipação para (re)categorizar elementos de seu objeto de análise.</i>

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

Como foi possível avaliar, os artigos 1, 2 e 3 empregaram estratégias de retomada, encapsulamento e antecipação para tecer argumentos e aprofundar a compreensão de conceitos, por meio do emprego de unidades sintáticas e lexicais. A referência, por excelência, representa a singularidade e a irrepetibilidade da enunciação, pois se constrói a cada ato enunciativo e interpela o locutor a manejar os recurso da língua a fim de que, na situação de discurso, um horizonte seja partilhado. Destacar os mecanismos de referência é fundamental nos estudos sobre escrita acadêmica, pois estes são elementos-chave para a construção de uma textualidade.

A categoria elaboração teórica (2), por sua vez, buscou tornar visíveis as marcas linguísticas que permitem ao leitor identificar um trabalho de elaboração teórica sobre o que já foi enunciado anteriormente. Para ela, construímos o seguinte questionamento: “*Além de apresentar uma síntese de conceitos, teorias, o texto evidencia reflexão e elaboração sobre as noções teóricas apresentadas?*”.

Quadro 4 – Conteúdo Semantizado: Elaboração Teórica

Artigo 1	<i>O texto evidencia reflexão e elaboração sobre as noções teóricas apresentadas, por meio de estratégias de (re)categorização e avaliação.</i>
Artigo 2	<i>Todo o artigo evidencia domínio dos conceitos mobilizados, coerência com o quadro teórico no qual sua pesquisa se insere e capacidade de aplicação destes aos exemplos apresentados.</i>
Artigo 3	<i>A autora não chega a nomeadamente citar autores e teorias, apresentando uma argumentação e uma exposição muito semelhantes ao que se encontra no gênero ensaio.</i>

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

Os artigos analisados apresentaram trechos em que é possível identificar um esforço de reflexão e elaboração das noções teóricas, utilizando-se, principalmente, de estratégias de (re)categorização, avaliação e aplicação. Destacamos, no entanto, que a autora do terceiro artigo evitou mencionar explicitamente autores e teorias. Essa categoria, em nossa compreensão, ocupa um lugar central quando se pensa tanto na categorização do gênero artigo acadêmico como da autoria, pois permite que o autor se posicione de modo crítico e criativo diante de outros discursos, algo fundamental à qualidade de um escrito científico.

Para encerrar este eixo, temos a categoria unidade/progressão temática, que visa avaliar as escolhas quanto à organização dos tópicos mobilizados para dar conta da temática eleita pelo enunciador. Assim, a categoria 3 se estrutura a partir da interrogação: “*As decisões tomadas, a fim de estruturar o texto, demonstram uma preocupação com a clareza e evidenciam que há um fio condutor do pensamento exposto?*”.

Quadro 5 – Conteúdo Semantizado: Unidade/Progressão Temática

Artigo 1	<i>Há clareza e um fio condutor do pensamento exposto construídos por meio de movimento de retomada entre parágrafos e entre seções.</i>
Artigo 2	<i>O texto evidencia estratégias de organização e antecipação: recursos gráficos e organizacionais (tabelas, notas de rodapé) e estruturas linguísticas explicativas e elucidativas.</i>
Artigo 3	<i>O texto poderia ter uma organização mais detalhada e um acabamento mais apurado. A ausência de uma relação mais explícita entre as seções do artigo torna o manuscrito fragmentado. Seu interlocutor presumido, nos parece, é alguém que já realizou a leitura da obra analisada.</i>

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

Esta também é uma das categorias em que os textos analisados apresentaram especificidades, que atribuímos, em parte, às diferentes áreas a que pertencem: educação, literatura e linguística, uma vez que mobilizamos nossos valores culturais que se revelam no simbólico da língua, isto é, cada enunciação é um mobilizar, no aqui-agora, “formas de lidar com a língua e o pensamento em diferentes historicidades” (Silva, 2018, p. 298). Assim, considera-se que esta categoria tem uma dupla funcionalidade: pensar a coerência interna de

um texto e tornar visível o que caracteriza as diferentes áreas de conhecimento, pois acreditamos que os diferentes campos de saber suscitam estilos e tocam a singularidade de cada autor.

Palavras finais: a pesquisa enquanto ato e produto

Ao realizamos nossa avaliação, partindo da ideia de que o instrumento elaborado possa ser replicado, aprimorado e cujas conclusões de análise possam ser generalizáveis, fica a percepção quanto à complexidade que é desenvolver modelos de avaliação, pois, por vezes, as categorias ou os fenômenos linguísticos parecem se sobrepor, acabam por ser discutidos em mais de uma categoria. Isso nos levou a questionar os limites da descrição e da discretização de determinados aspectos textuais em categorias analíticas, posto que não é possível isolar um fenômeno dentro das relações e valores que constituem um sistema linguístico. Igualmente, temos ciência de que, embora tenhamos proposto uma análise holística, de textos inteiros, “sempre resta um ponto impossível em qualquer tentativa de formalização” (Riolfi, 2011, p. 14); logo, outras categorias e eixos podem ser elaborados com a mesma finalidade à que nos propomos, a fim de dar conta de aspectos que tenham escapado ao escopo que delimitamos.

Por fim, o estudo de doutorado registrado parcialmente neste artigo sustenta a tese de que, embora Émile Benveniste não tenha se dedicado diretamente ao estudo da escrita científica, seu posicionamento epistemológico e suas contribuições para a compreensão da linguagem e de como nela o homem se constitui como sujeito possibilitam a formulação de categorias analíticas para a avaliação de textos acadêmicos e colaboram para a compreensão e o aperfeiçoamento da escrita de artigos científicos enquanto espaços-tempos escriturais nos quais os autores imprimem marcas de autoria.

Referências

- ARESI, F. Os índices específicos e os procedimentos acessórios da enunciação. *ReVEL*, Porto Alegre, v. 9, n. 16, p. 262-275, 2011.
- BAIÃO, L. G. M. A questão da memória n'A idade do Serrote. *Revista Gatilho*, Juiz de Fora, v. 4, p. 1-5, 2023.

BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral I*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas: Pontes, 1989.

BENVENISTE, E. *Últimas aulas do Collège de France (1968 a 1969)*. São Paulo: Ed. UNESP, 2014.

COSTA SILVA, C. L. Como a linguística da enunciação pode contribuir com o ensino-aprendizagem da língua materna? *ReVEL*, Porto Alegre, v. 18, n. 34, p. 1-22, 2020.

COSTA SILVA, C. L.; ENDRUWEIT, M. L. O oral e o escrito sob o viés enunciativo: reflexões metodológicas. *ReVEL*, Porto Alegre, v. 9, n. 16, p. 236-261, 2011.

ENDRUWEIT, M. L.; FAVERO NETTO, D. O não saber que faz a escrita. *ReVEL*, Porto Alegre, v. 18, n. 34, p. 312-322, 2020.

FENOGLIO, I. *Emile Benveniste*: a gênese de um pensamento. Brasília: Ed. UNB, 2019.

FLORES, V. N. A enunciação escrita em Benveniste: notas para uma precisão conceitual. *Delta*, São Paulo, v. 34, n. 1, p. 395-417, 2018.

FLORES, V. N. *Introdução à Teoria Enunciativa de Benveniste*. São Paulo: Parábola, 2013.

FLORES, V. N.; TEIXEIRA, M. *Introdução à linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2017.

KNACK, C. *Texto e Enunciação*: as modalidades falada e escrita como instâncias de investigação. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

KNACK, C.; OLIVEIRA, G. F. Avaliação de textos acadêmicos escritos: uma perspectiva enunciativa. *Revista do PPG UPF*, Passo Fundo, v. 13, n. 3, p. 706-732, set./dez. 2017.

NUNES, P. A.; FLORES, V. N. A especificidade da enunciação escrita em textos Acadêmicos. *Desenredo*, Passo Fundo, v. 8, p. 235-252, 2012.

OLIVEIRA, G. F. *O problema da referência em Emile Benveniste*. Curitiba: Appris, 2022.

ONO, A. *La notion d'Énonciation chez Benveniste*. Paris: Limoges, 2007.

RIOLFI, C. R. Lições da coragem: o inferno da escrita. In: RIOLFI, C. R.; BARROTTA, V. H. (org.). *O inferno da escrita*: produção escrita e psicanálise. Campinas: Mercado das Letras, 2011. p. 11-32.

RIOLFI, C. R.; BARROTTA, V. H. Apresentação. In: RIOLFI, C. R.; BARROTTA, V. H. (org.). *O inferno da escrita*: produção escrita e psicanálise. Campinas: Mercado das Letras, 2011. p. 7-10.

RODRIGUES, E. A.; AGUSTINI, C. L. H.; ARAÚJO, E. D. A teorização de Émile Benveniste sobre escrita: (d)o ponto de vista da vida social. *Fragmentum*, Santa Maria, n. 56, p. 79-103, jul./dez. 2020.

SANTOS, M. S. Letramentos (des)legitimados e práticas de reexistência no ENEM: uma análise dialógica de questões com textos literários. *Revista Gatilho*, Juiz de Fora, v. 24, p. 81-111, 2023.

SILVA, S. Língua, indivíduo e sociedade em perspectiva enunciativa: problemática e horizontes epistemológicos. *Revista de Letras Juçara*, Caxias, v. 2, n. 2, p. 291-309, dez. 2018.

SOBRAL, P. O. Escrita: um sistema linguístico. *ReVEL*, Porto Alegre, ed. esp., n. 2, 2008.

SOUZA, M. M. Análise lexicográfica na FrameNet Brasil. *Revista Gatilho*, Juiz de Fora, v. 11, p. 1-10, 2010.

Submetido em: 18 de abril de 2024

Aceito em: 17 de junho de 2024